

Bate-papo

Mostra propõe um diálogo entre as obras dos museus Nacional e o de Arte de Brasília

BRUNA CARDOSO

O diálogo que se forma entre a obra de arte e a pessoa que a contempla encontra significado maior quando em uma única mostra, todas as obras dialogam também entre si. Essa é a proposta da mostra *Semelhanças Desiguais* – *Conversas no Acerco do MAB*: uma conversa entre as obras, entre seus estilos, formatos, cores e matérias. Tudo recai para uma linguagem que flua de escultura para escultura, de quadro para quadro, de semelhanças para desigualdades e assim reencontre seu sentido pleno na unidade das partes distintas.

O Museu Nacional de Brasília recebe o acervo do Museu de Arte de Brasília (MAB) em uma exposição que conta com 107 obras adquiridas desde 1960 a 2000. Esculturas, instalações, objetos, pinturas, desenhos e gravuras fazem parte da exposição que abre hoje e vai até o dia 8 de março. O curador Bené Fonteles diz que a exposição estabelece diálogos estéticos e poéticos entre as obras, ao fazer analogias e mostrar semelhanças.

Complementada por versos de poesias, os espaços entre as obras são lacunas espaciais repletas de significados repletos por luzes ou pensamentos. "A obra de arte sem poética não existe", comenta Bené. Frases de grandes filósofos dividem

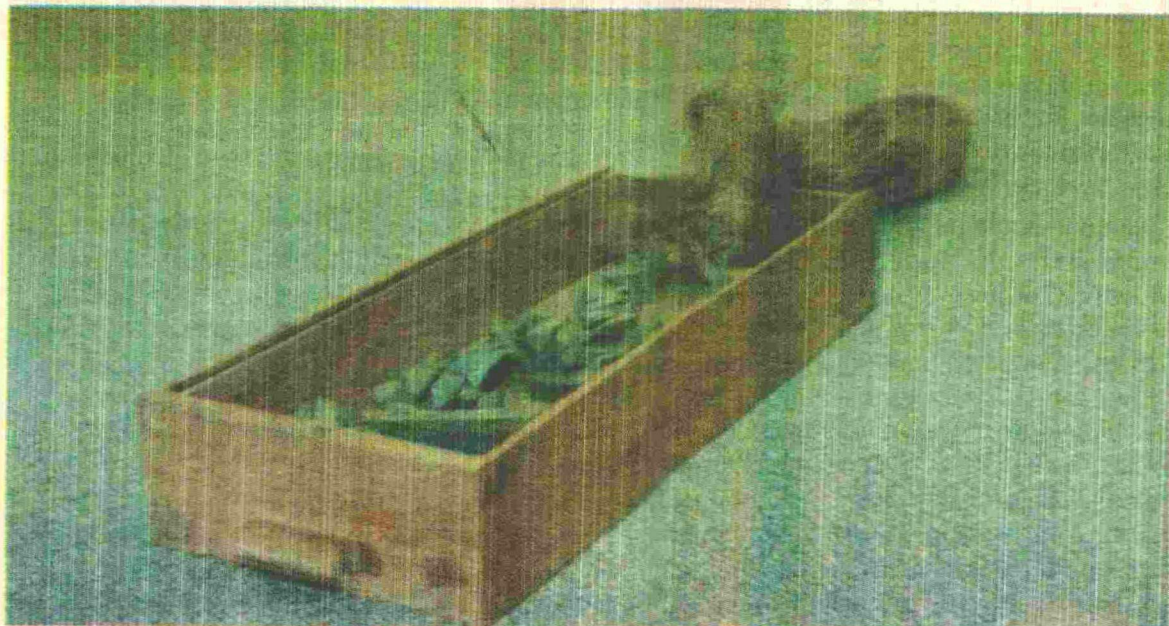
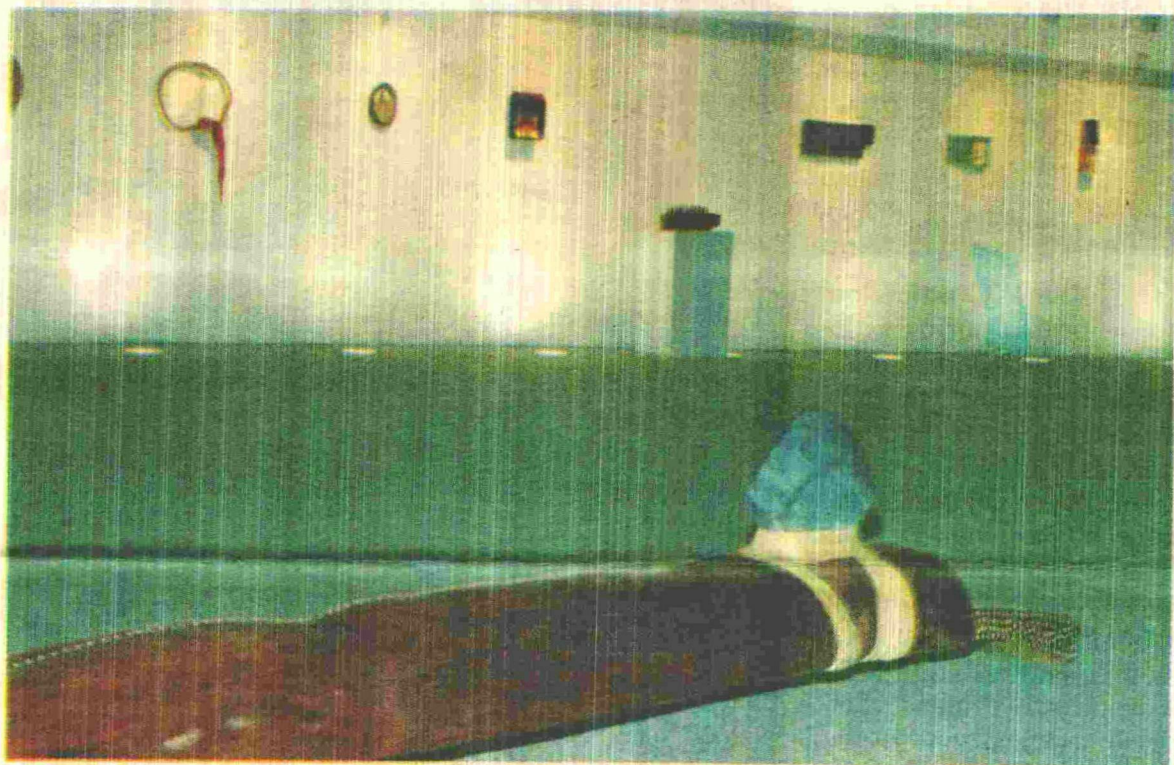
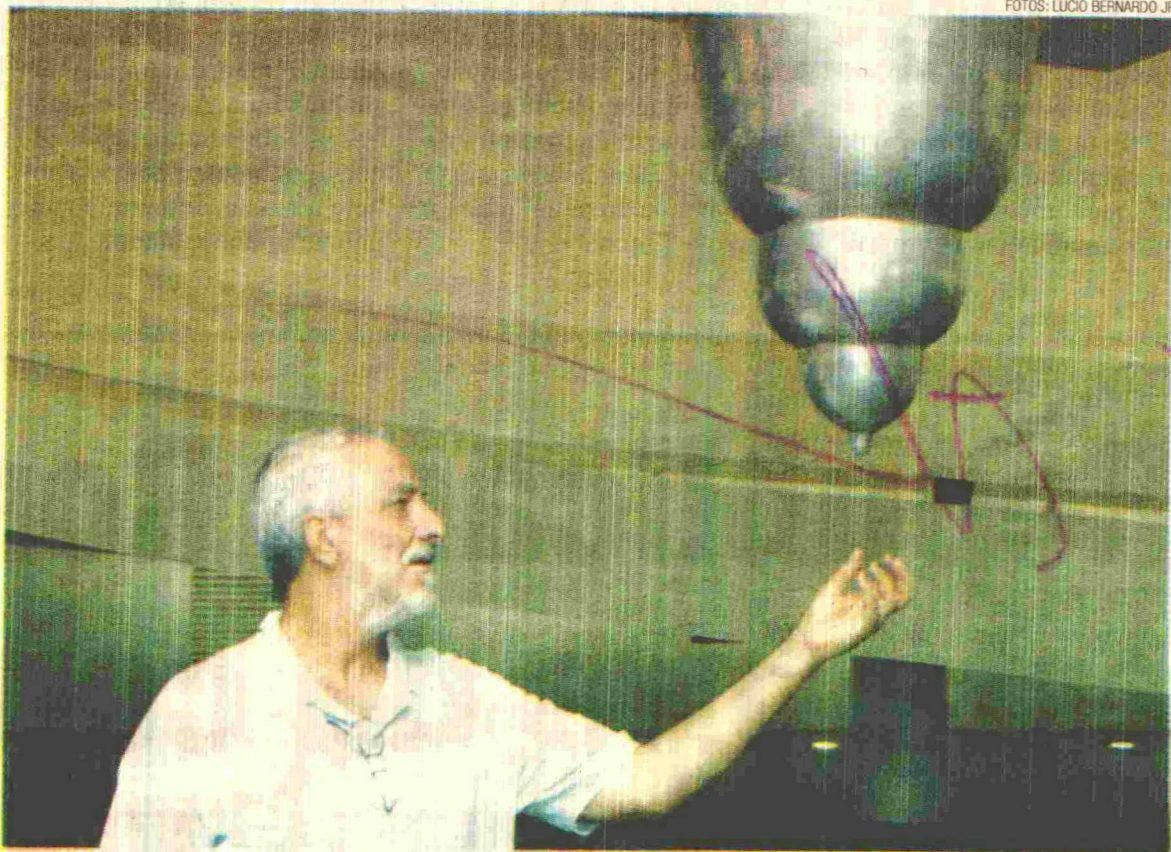
espaço com versos de poetas brasileiros. O próprio nome da exposição é inspirado no nome de uma canção. "Tem uma música chamada *Semelhanças Desiguais*, que a Luci e Lucina cantavam. Elas compuseram muitas músicas que o Ney Matogrosso interpretou" relembra o curador.

Curiosidades à parte, a exposição promete ser um grande encontro sensorial. Além do diálogo constante entre posicionamento, obras e luz. A própria arquitetura do museu influenciará na percepção de cada observador. "Pensamos até nas curvas que cada parede faz e como isso dialogaria com a obra que ali ficasse, mas uma coisa que não fizemos foi separar por década, por exemplo. A arte é anacrônica e queremos confirmar isso", continua Bené.

O artista Rômulo Andrade participa da exposição com uma obra na galeria "Armadilhas Indígenas". Professor de artes plásticas ele trabalha no MAB com a parte educativa e pedagógica do museu. "O acervo do museu é uma jóia" fala Rômulo. Em 27 anos de história a exposição é uma das maiores e mais abrangentes do acervo. "É um resgate da nossa própria história" interpreta o artista.

■ Mostra *Semelhanças Desiguais* – *Conversas no Acerco do MAB*

■ Museu Nacional, até o dia 8 de março. Entrada franca.



FOTOS: LUCIO BERNARDO JR.